O Jornal Económico

ESPECIAL

Eficiência energética

SUSTENTABILIDADE COMO DESÍGNIO PARA ATINGIR METAS DE 2030

Especialistas acreditam que os objetivos só poderão ser atingidos caso exista um trabalho em conjunto do Governo e das autarquias, aos quais se juntam os promotores e investidores imobiliários que pedem mais facilidade nos processos de licenciamento dos projetos e apoios ao sector através dos 'greenbonds' e do Plano de Recuperação e Resiliência.

ANÁLISE
Eficiência na linha da frente para reduzir dependência de Putin P2

JE TALKS
José Guedes
Fundador e CEO da Energest
Empresas apostam no consumo fotovoltaico P4

ANÁLISE
Casas mais "verdes" e ajustadas ao bolso português P5

FÓRUM
Como estão as empresas a tentar ir ao encontro da preocupação com a eficiência? P7

ANÁLISE

Eficiência energética na linha da frente para reduzir dependência de Putin

Governo e empresas analisam o atual momento da eficiência energética. Defendem que chegou a altura de Portugal e a Europa acelerarem para desligar a ficha de Moscovo e do regime de Vladimir Putin. Sector energético português está comprometido com metas.

ANDRÉ CABRITA-MENDES
amendes@jornaleconomico.pt

O sector energético foi especialmente atingido pela decisão de Vladimir Putin de invadir a Ucrânia. Num curto espaço de tempo, o frágil equilíbrio do mundo da energia ficou ameaçado: preços da eletricidade, petróleo e gás natural a dispararem. E os próximos tempos continuam a ser uma grande incógnita: a Europa vai conseguir arranjar em tempo útil alternativas ao petróleo e gás russo? Existem muitas nuvens negras no horizonte. Num cenário de bastante incerteza, a eficiência energética vai ser um dos vetores a contribuir para reduzir a dependência europeia do Kremlin e de Vladimir Putin.

Para responder a este desafio, a Comissão Europeia apresentou em maio o plano REPowerEU, com o objetivo de aumentar as metas de poupança de energia de 9% para 13% face aos valores de 2020.

"Em resposta às dificuldades e às perturbações do mercado mundial da energia causadas pela invasão da Ucrânia pela Rússia, a Comissão Europeia apresentou o plano REPowerEU, com dois objetivos essenciais: tornar a União Europeia independente dos combustíveis fósseis russos e avançar rapidamente com a transição energética", recorda o gabinete de imprensa do ministério do Ambiente e da Ação Climática.

"No que respeita às medidas de economia de energia, a Comissão propõe reforçar as medidas de eficiência energética a longo prazo, incluindo um aumento (de 9% para 13%) da meta vinculativa de eficiência energética prevista no pacote legislativo Fit for 55, isto é, a Comissão Europeia propõe que os estados-membros garantam coletivamente uma redução do consumo de energia de, pelo menos, 13% em 2030, por comparação com as projeções do cenário de referência de 2020, de modo a que o consumo final de energia da União não exceda 750 Mtep e o consumo de energia primária da União não exceda 980 Mtep em 2030", acrescenta a tutela sediada na rua do Século.

Já a Associação Portuguesa de Energias Renováveis (APREN) destaca que a eficiência energética

Reuters

está na linha da frente na guerra europeia contra o Kremlin.

"A eficiência energética sempre teve um papel importante no caminho para a descarbonização, e, com o estalar da guerra, a sua importância escalou, pois é também uma das ferramentas que contribui para acabar com a dependência energética do gás natural russo, juntamente com a instalação de mais potência renovável e a renovação do parque já existente ou até a simplificação do processo de licenciamento de projetos", disse ao JE Pedro Amaral Jorge presidente da APREN.

Por sua vez, a Galp defende que o tema da eficiência energética deve continuar no "topo da agenda política em Portugal e na Europa".

"Situações extremas como a guerra na Ucrânia provocam inevitáveis sobressaltos nas estratégias de qualquer empresa ou Estado. Mas acreditamos que as ambições nacionais e europeias em matéria de eficiência energética, bem como os roteiros de neutralidade carbónica que estão em curso – dada a sua importância crítica para o nosso futuro –, não podem ser alterados na sua essência", disse fonte oficial da empresa liderada por Andy Brown.

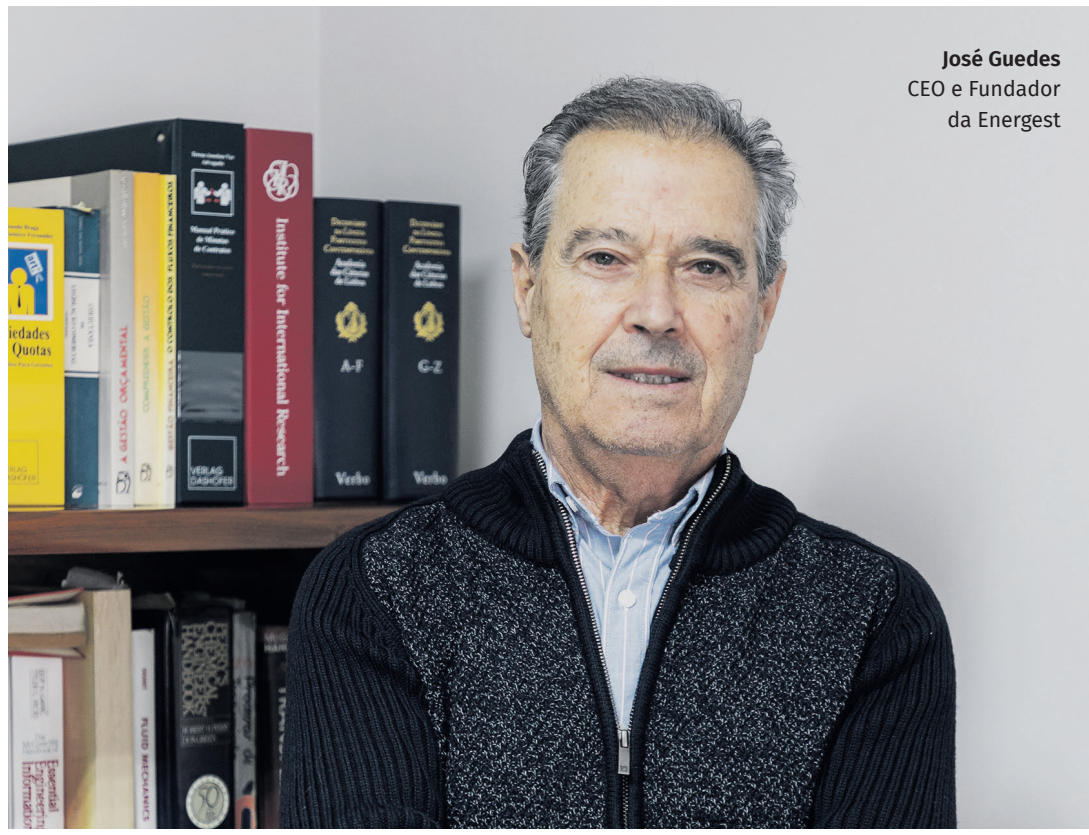
"Nesse sentido, iniciativas como a "Repower Europe" são um passo importante nesse sentido e devem ser postas em prática com urgência, para aumentar a oferta interna de energia e de matérias-primas, e evitar a dependência excessiva das importações. Entre essas medidas, destacamos a aprovação atempada de licenças para viabilizar mais energia renovável e a duplicação da meta de Hidrogénio Verde, que estão inteiramente alinhadas com as ambições da Galp e que ajudarão a melhorar a resiliência do sistema energético", destacou a energética portuguesa.

A Greenvolt, por seu turno, destaca que o REPowerEU "define que dentro de poucos anos (até ao final de 2027) todos os edifícios comerciais, novos e já existentes, com mais de 250 metros quadrados tenham de ter painéis solares fotovoltaicos. E até 2029, estes painéis terão de estar em todos os novos edifícios residenciais, mudando completamente o panorama de consumo de energia. Estamos a falar da promoção de sistemas de autoconsumo, mas principalmente daquilo que a GreenVolt considera ser estratégico que são as comunidades de energia renovável. A UE está a ir de encontro ao que já defendemos hoje com a Energia Unida, aqui em Portugal".

Também a Engie Portugal rejeita qualquer hipótese de desacelaração no campo da eficiência energética. "A guerra na Ucrânia é claramente mais um impulso para a descarbonização e para o aumento da autonomia energética da Europa. Ao argumento climático, juntam-se dois outros argumentos poderosos: o económico (o impacto que os altos preços da energia estão a provocar no mundo) e o estratégico (a ameaça de quebra no abastecimento de energia a países tão poderosos como a Alemanha). A resposta só pode ser mais eficiência energética (a melhor energia é aquela que não chegamos a consumir) e mais renováveis. Em Portugal estamos na linha da frente nas renováveis (talvez por ser a parte mais fácil da equação), mas na cauda da Europa na eficiência energética, onde ainda temos um longo caminho a percorrer", segundo João Castanheira CEO adjunto da Engie Portugal. ■

João Manso Neto
Presidente-executivo da Greenvolt

Andy Brown
Presidente-executivo da Galp


José Guedes
CEO e Fundador
da Energest

Descarbonizar a indústria para evoluir Portugal

Evoluir para um modelo económico sustentável e para que a transição ecológica resulte só é possível se se tornar a eficiência energética uma verdadeira prioridade. Dado o contexto atual, este esforço tem de passar, obrigatoriamente, pela concretização da Dimensão Transição Climática do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) e das medidas do Plano Nacional de Energia e Clima 2030 (PNEC 2030), pois sem isso não é possível.

Só assim é que a indústria pode contribuir, efetivamente, para a redução das emissões de gases com efeito de estufa, para a incorporação de energias renováveis no consumo de energia final e de eficiência energética, bem como para a redução da intensidade energética e carbónica da indústria. Pois bem, é, então, nestas questões que devemos concentrar a nossa atenção.

Afinal, qual a dimensão do problema?

Na generalidade dos equipamentos e processos industriais em que se utiliza um combustível para produzir calor, uma parte significativa da energia fornecida ao sistema é perdida sob a forma de gases de exaustão. Quando a transferência de calor para o produto atinge o seu limite prático de utilização, os gases de combustão são removidos da máquina ou do sistema através de condutas de exaustão ou de uma chaminé, contendo, ainda, uma considerável quantidade de energia térmica.

A quantidade de energia perdida nos efluentes gasosos constitui o principal potencial de perdas nas transformações de energia operadas em ambiente industrial e, por isso, e apesar da desindustrialização ocorrida nos últimos 40-50 anos, constitui no país um problema cuja dimensão temos de reduzir.

Indústrias como a Cerâmica, o Vidro e o Cimento são flagrantes exemplos de aplicação, tornando inclusive possível a produção de energia elétrica em sistemas de Cogeração "Bottoming cycle", mas enquanto em Portugal não se investe em projetos que poderiam produzir, anualmente, cerca 55 GW de eletricidade e evitar a emissão de 27 mil toneladas de CO_2, consumindo zero de combustível, na China não se imagina construir uma fábrica de cimento sem implementação da referida tecnologia, seja com vapor (SCR) ou fluído orgânico (ORC).

A implementação deste tipo de sistemas de recuperação de energia permite produzir eletricidade, ora seja para autoconsumo ou para injeção direta na rede elétrica – conforme possa ser ou não permitido pelas entidades reguladoras – em quantidade significativa, que nos casos de maior expressão poderão mesmo ultrapassar os 20% das necessidades elétricas da própria indústria. Nos casos de menor dimensão, é sempre possível transformar a energia térmica em outras formas, tais como: vapor, água quente e/ou água gelada.

A escolha da forma de transformar a energia disponível nos gases efluentes será definida em função das especificidades e necessidades de cada processo industrial.

A procura e a implementação de sistemas de aproveitamento dessa energia é, assim, para além de um ato coerente de gestão, uma responsabilidade cívica que não devemos alienar, passando a ser um desígnio humano.

com o apoio energest

JE TALKS

Empresas apostam no consumo fotovoltaico

Especialistas apontam as reduções das emissões dos gases com efeito de estufa como uma das principais metas comunitárias e nacionais.

INÊS AMADO
iamado@jornaleconomico.pt

A redução das emissões dos gases com efeito de estufa está entre as principais metas comunitárias e nacionais, ocupando um espaço numa agenda ambiental global cada vez ambiciosa. Em Portugal, os sectores público e privado preveem uma redução de 35% do consumo de energia primária face a 2007, tendo em vista alcançar uma melhor eficiência energética em linha com as metas comunitárias e nacionais estipuladas para os próximos oito anos. Beatriz García, Energy Efficiency Project Manager da Axpo Iberia, e José Guedes, fundador e CEO da Energest, foram convidados para participar numa JE Talk sobre este tema, na JE TV, onde analisaram a execução do plano e as metas ambientais em curso.

A gestora da empresa fornecedora de soluções energéticas revelou estar otimista com o desempenho dos países no cumprimento destas metas, aludindo aos últimos relatórios de 2020, que indicam que já foram atingidas algumas metas ou que brevemente serão atingidas. Questionada sobre a execução destes objetivos no meio empresarial, García não tem dúvidas da preferência pela energia fotovoltaica: "A principal aposta das empresas é a do consumo fotovoltaico". "O número de pedidos para projetos deste tipo cresce anualmente. Estamos a falar de uma tecnologia que já está madura, é simples, que tem preços competitivos e prazos curtos de amortização", explicou, mencionando a situação atual dos preços energéticos devido à guerra na Ucrânia.

Beatriz García aponta para o crescimento desta tendência entre clientes e empresas, baseado numa preocupação maior pela "sustentabilidade, responsabilidade social e corporativa". "Nas metas, estamos a falar de uma tecnologia que pode reduzir mais de 30%. Na minha opinião e experiência, esta é a principal aposta das empresas", continuou. Por outro lado, José Guedes, fundador e CEO da Energest, entende que o plano parece "não estar desenhado para a área empresarial". "Nas metas sectoriais estabelecidas para a redução dos gases com efeito de estufa, não é referido a indústria". O diretor da Energest denuncia o que lhe parece ser "uma confusão entre eficiência energética e controlo da redução das emissões com gases de efeito de estufa.

"Posso ter um sistema de produção e transformação de energia, que utiliza uma fonte de energia primaria que vai dar origem à emissão de gases com efeito de estufa e ser mais eficiente do que um sistema que utiliza qualquer coisa que produz menos emissões".

José Guedes, fundador e CEO da Energest e Beatriz Garcia Martin, Energy Efficiency Project Manager da Axpo Iberia. Questionado sobre a execução das metas ambientais pelo tecido empresarial, José Guedes considera que terá havido alguma falta de compreensão e alinhamento com a realidade portuguesa.

"Entendo que as metas devem ser, por definição, ambiciosas. Mas pode ter havido alguma falta de adesão à realidade no nosso país, quer no que diz respeito à dimensão do problema, quer quanto à capacidade nacional de o resolver em tão curto prazo de tempo. O tecido empresarial, nomeadamente a indústria, está naturalmente interessado na redução do consumo de energia, porque permite ou deveria permitir a redução dos custos de produção". No que diz respeito às tendências no sector que visam os particulares, José Guedes criticou primeiramente o desinvestimento na indústria observado nos últimos quatro anos. "Perdemos o foco, pensamos apenas na eficiência energética. Passa pela progressiva adoção de medidas passivas que tem de deixar de ser apenas do domínio da engenharia, mas também interiorizadas no estudo da arquitetura", afirmou, passando a elencar a utilização de painéis e outras técnicas emergentes de produção de superfícies fotovoltaicas, a continuação da aposta no solar térmico e substituição das caldeiras de gás pelas bombas de calor".

Quanto à "indústria, não se pode dizer que haja uma tendência. Somos consultados muitas vezes para começar a transformar energia a partir de biomassa em vez de gás natural. Para produzir ou transformar a mesma potência, uma coisa que é gás natural custa 300 mil euros, biomassa custa um milhão ou meio ou mais. Desde logo, porque as soluções para a eficiência carecem de ser estudadas caso a caso", comentou.

Questionada sobre o papel dos incentivos fiscais para a implementação destes sistemas, Beatriz García sublinhou a importância desses apoios para o sector e que "têm um efeito muito positivo ao despertarem o interesse das empresas e particulares" que, sem os mesmos, não "teriam considerado os instalar os painéis fotovoltaicos", num mercado que oferece muitas alternativas e modalidades de pagamento. García considera, porém, que este tipo de apoios não estão pensados para todo o tipo de empresas".

"Entendo que as metas devem ser, por definição, ambiciosas. Mas pode ter havido alguma falta de adesão à realidade no nosso país, quer no que diz respeito à dimensão do problema, quer quanto à capacidade nacional de o resolver em tão curto prazo de tempo. O tecido empresarial, nomeadamente a indústria, está naturalmente interessado na redução do consumo de energia, porque permite ou deveria permitir a redução dos custos de produção", defendeu.

E acrescentou: "Está maioritariamente focado no seu core business. Se a eficiência do plano implica que os empresários deem parte da sua atenção à implementação de medidas de eficiência energética, julgo ser necessário criar um quadro de incentivos e penalizações e estabelecer mecanismos que permitam monitorizar a implementação dessas medidas. Saber onde estamos relativamente as metas, afinar trajeto e, se necessário, as próprias metas. E terá que haver também a necessária tolerância", disse. ■

JE Tv

Assista a esta talk na JE TV, a plataforma multimédia do Jornal Económico, em www.jornaleconomico.pt

Schindler: Transição completa para eletricidade renovável em 2025 e objetivo de “zero resíduos” a nível global para 2023

Há muito tempo que a sustentabilidade passou a ser uma prioridade estratégica para a Schindler. Aliar os cuidados com o planeta a recursos mais eficientes e que por isso poupam energia e têm custos mais controlados são hoje uma realidade para a empresa cujos equipamentos de transporte vertical movimentam cerca de 1.5 milhões de pessoas diariamente, em todo o mundo.

Mas a sustentabilidade não se esgota em ações pontuais nem com anúncios aleatórios. Justamente por isso, em 2021, a Schindler sublinhou os seus novos compromissos de sustentabilidade no seu Relatório de Responsabilidade Corporativa, que inclui a transição completa para eletricidade renovável em 2025 e o objetivo de “zero resíduos” a nível global para 2023. Esta prioridade justificou também o reforço da sua estrutura de governança de sustentabilidade em 2020, com o estabelecimento de um Comité Global de Sustentabilidade, ao mesmo tempo que se juntou oficialmente ao Pacto Global das Nações Unidas, a maior iniciativa de sustentabilidade corporativa do mundo, reafirmando o seu compromisso para com os 10 princípios do pacto.

Esta revolução sustentável tem na tecnologia o seu principal motor de desenvolvimento. Estima-se que até 2050, 70% da população mundial viverá em zonas urbanas e, sendo as cidades responsáveis pela maioria das emissões de gases com efeito de estufa, será sobretudo aqui que se terá que liderar a taxa de sustentabilidade, devendo cada indústria apresentar soluções que respondam a este desafio comum. No caso da Schindler, a aposta está na interligação entre digitalização e descarbonização para, em conjunto com os Clientes, se possa moldar as cidades do futuro, proporcionando uma mobilidade urbana inteligente e sustentável.

Por outro lado, desde 2012 que as emissões mais abundantes são produzidas por veículos e equipamentos de ar condicionado, reduzindo-se as emissões em mais de 20% em relação às receitas. A Schindler renovou a frota de veículos, otimizando as rotas e a monitorização dos produtos à distância. Mas também, no que diz respeito à gestão de recursos, optou durante o processo de produção por não se consumir combustível nem água, sendo que o seu consumo ocorre em caldeiras, veículos, problemas sanitários e limpeza.

Desta forma, cada nova geração dos produtos Schindler proporciona maior eficiência energética e de recursos. Por exemplo, os ascensores mais recentes são 30% mais eficientes em termos de energia do que os seus antecessores imediatos. Para edifícios existentes, a empresa desenvolveu soluções de retrofit que permitem melhorar significativamente a eficiência energética do ascensor ou escada rolante original, limitando a necessidade de uma substituição total. Com a oferta de produtos e serviços, a Schindler ajuda assim a promover a conformidade com os padrões de construção ecológica, melhorando a pegada ambiental de edifícios icónicos, permitindo-lhes obter certificações globalmente aceites, como LEED e BREEAM, ou outras certificações do país.

Principais certificações obtidas pela Schindler:

- ISO 9001: Determina que o Sistema de Gestão da Qualidade cumpre todos os padrões exigidos.
- ISO 14001: Assegura que o Sistema de Gestão Ambiental cumpre as normas exigidas a nível internacional.
- ISO 50001: Estabelece que o Sistema de Gestão de Energia permite uma melhoria contínua da sua Eficiência Energética e do cuidado do meio ambiente.

Porém, a estratégia da Schindler em termos de Sustentabilidade e Responsabilidade Social Corporativa responde também à necessidade de agregar valor ao desenvolvimento da sociedade através de três dimensões nas quais julga poder influenciar diretamente na sua atividade empresarial: Pessoas, referindo-se à atenção prestada às necessidades das pessoas e à mudança de atitude em relação às desigualdades presentes na sociedade; Planeta, que se traduz na minimização dos recursos que a empresa utiliza do ambiente natural e do impacto que produz, bem como de uma atitude proativa para garantir a subsistência das gerações futuras; e Desempenho que está relacionado com a responsabilidade da empresa em gerar riqueza na sociedade. Para tal, a empresa deve ser bem-sucedida num ambiente competitivo.

Nestas três dimensões, a Schindler planeia soluções concretas em áreas como, por exemplo, o acesso a uma educação de qualidade, construção de cidades sustentáveis, produção e consumo responsável, atribuição de emprego digno e crescimento económico, igualdade de género e ação pelo clima. A estratégia na qual se centra esta aposta, precisamente com o objetivo de garantir o seu cumprimento, passa por fornecer um balanço de resultados sólido, que tenha em conta negócios sustentáveis nos campos económico, social e ambiental.

Alinhada com os Objetivos de desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas

A estratégia de negócio da Schindler está alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, comprometendo-se assim a desenvolver e aplicar tecnologias sustentáveis para obter soluções limpas de mobilidade urbana. Esta visão levará a empresa a investir fortemente no desenvolvimento de soluções tecnológicas que permitam mais segurança, informação e proximidade do produto com os utilizadores, através de novas soluções apoiadas em melhor tempo de atividade, melhores insights e uma maior conveniência para os utilizadores.

Com o apoio Schindler

Unspalsh

IMOBILIÁRIO

Casas mais "verdes" e ajustadas ao bolso português

Especialistas do sector imobiliário defendem uma recuperação do parque habitacional que está envelhecido e que por isso consome demasiada energia e pedem uma maior facilidade nos licenciamentos para a aprovação de projetos.

RODOLFO ALEXANDRE REIS
rreis@jornaleconomico.pt

"Temos que construir mais habitações verdes, ajustadas ao que os portugueses podem pagar". A mensagem é transmitida por Hugo Santos Ferreira, presidente da Associação Portuguesa de Promotores e Investidores Imobiliários (APPII) em declarações ao Jornal Económico (JE), numa altura em que a sustentabilidade dos edifícios em Portugal ganha cada vez mais importância, tendo em conta as metas definidas para 2030. O responsável afirma que no país os desperdícios energéticos acontecem devido ao parque habitacional que está envelhecido e que provoca um consumo excessivo de energia. Apesar das casas novas colocadas no mercado contribuirem para uma maior sustentabilidade dos edifícios, o presidente da APPI avisa que "para que em 2030 tenhamos edifícios para todos com emissões de carbono nulas, o desafio é conseguir financiar as medidas para alcançar esse objetivo, quer através de financiamento publico quer através de financiamento privado".

Por sua vez, José Cardoso Botelho, defende que antes da eficiência é preciso olhar para a suficiência energética dos edifícios, considerando necessário reduzir a quantidade de energia que estes vão precisar para criar uma situação de conforto para os seus ocupantes. "Seguir-se-á o isolamento robusto do edifício (coberturas e paredes) e janelas de qualidade com vidros no mínimo duplos, com a escolha certa de materiais, se possível orgânicos e com pegada carbónica negativa (ex: madeira, cortiça)", refere ao JE, acrescentando que para os edifícios já existentes e que têm de ser recuperados, a receita para suficiência energética, está sobretudo associada ao isolamento e aos envidraçados, embora, aqui e ali, possa também ser possível fazer algum controlo sobre ganhos solares.

O CEO salienta ainda a importância da certificação energética da habitação e chamar a atenção dos cidadãos para as melhores formas de ter mais conforto numa perspetiva de sustentabilidade, escolha de tecnologia e materiais, seus benefícios e custos, além de uma evolução contínua da legislação e dos regulamentos, dos licenciamentos e, sobretudo, das próprias formas e condições de financiamento. Uma opinião partilhada por Hugo Santos Ferreira, que teme que a atual e complexa legislação, acabe "por se tornar num monstro, fazendo com que a sua transposição se revele uma mão cheia de nada", realça.

Mas como estão os promotores a adaptar os seus projetos? "Neste momento quando os promotores pensam num novo edifício ou numa reabilitação trabalham com as suas equipas de arquitetos, engenheiros e outros especialistas para verem de que forma podem ter um edifício sustentável, sem que o mesmo perca a sua atratividade em termos de mercado. Hoje, este desafio é ainda maior por causa do agravamento dos preços dos materiais e o aumento da inflação", explica Hugo Santos Ferreira.

Por seu turno, José Cardoso Botelho, enfatiza que promotores como a Vanguard Properties estão a encarar esta fase como uma enorme oportunidade. "Já perceberam que não é assim tão complicado ou difícil transformar um edifício para uma classificação A+ quando se faz a sua reabilitação com vista ao mercado do futuro e, sobretudo, começam a estar conscientes de que a sustentabilidade pode e deve ser encarada de novas formas, como, por exemplo, através do uso da madeira em vez do tradicional cimento, combinado com as tecnologias da pré-fabricação".

Os dois responsáveis mostram-se de acordo no que toca ao papel e medidas do Governo e autarquias na transição energética dos edifícios. "Há semelhança do que já acontece noutros países, podem ser criadas pelo governo, com recurso ao Banco de Fomento por exemplo, linhas de financiamento bonificadas para a implementação de medidas de eficiência energética nos edifícios, as denominadas greens bonds. Por outro lado temos hoje uma oportunidade única no nosso país: o PRR que nos pode trazer habitação mais verde. É importante que o governo espelhe as suas intenções em apoios diretos à eficiência energética dos edifícios", salienta o presidente da APPII.

Já o CEO da Vanguard Properties destaca que "dever-se-á expandir os instrumentos de apoio ao financiamento que já foram criados (mas insuficientes para resolver a dimensão do problema), indispensáveis para uma parte significativa da população, criando também incentivos fiscais e outros para todos, que ajudem a desencadear estes processos de uma forma massiva", além de haver uma maior facilitação de todos os aspetos que tenham que ver com licenciamentos e aprovação atempada de projetos.

"Os programas podem ser excecionais a todos os níveis (e necessários) mas se o licenciamento não foi concedido de forma célere, tudo cai por terra", conclui. ■

José Cardoso Botelho
CEO
da Vanguard Properties

Hugo Santos Ferreira
Presidente da Associação Portuguesa de Promotores e Investidores Imobiliários (APPII)

FÓRUM

Sustentabilidade é a palavra de ordem para o sector empresarial

Responsáveis da indústria apostam cada vez mais em tecnologias que permitam reduzir as emissões de carbono, mas também na reutilização de materiais e equipamentos. *Rodolfo Alexandre Reis*

Como estão as empresas a tentar ir ao encontro da preocupação com a eficiência energética?

MANUEL REIS CAMPOS
Presidente da CPCI e da AICCOPN

1. Em relação ao caso da AICCOPN a questão será mais virada para os materiais de construção e a sua importância na sustentabilidade e eficiência energética quer para habitação, quer para o local de trabalho. Efetivamente, a eficiência energética do edificado é uma questão essencial que tem estado muito presente na atuação da AICCOPN. Criámos a marca "R.U.-I.S. - Reabilitação Urbana Inteligente e Sustentável", através da qual atribuímos a distinção "Empresa Qualificada" a quem cumpre um referencial de qualidade e legalidade, promove a formação dos seus recursos humanos e assume um compromisso de utilização de práticas ambientalmente inteligentes e sustentáveis. De igual modo, e uma vez que a ligação entre o Setor e o mundo académico é essencial para a criação de condições para que as empresas possam acompanhar os desafios da inovação e oferecer soluções que vão ao encontro das atuais exigências, desenvolvemos uma agenda permanente de ações de capacitação e formação, com áreas em destaque como os novos materiais e processos construtivos, a Construção 4.0, a reengenharia de procedimentos e a utilização de ferramentas digitais como o BIM – Building Information Modeling. Este é um domínio decisivo não apenas para o Setor, mas para o nosso futuro coletivo, cuja importância se tornou ainda mais premente tendo em conta a atual necessidade de redução da dependência energética. A Comissão Europeia apresentou há poucos dias o plano REPowerEU e refere precisamente que "a poupança é a forma mais rápida e mais económica de fazer face à atual crise energética", reconhecendo a importância da eficiência energética e da mobilização das empresas e dos particulares. Com efeito, de acordo com dados recentes do EUROSTAT, verifica-se que, em 2020, as famílias representaram 27% do consumo final de energia na UE, com o aquecimento das casas a representar 62,8% desse consumo, o que demonstra bem a importância de introduzir níveis mais elevados de eficiência e sustentabilidade no edificado. As empresas do setor são determinantes para vencer este desafio e a AICCOPN estará ao seu lado para as apoiar, promovendo a sua diferenciação e qualificação.

NUNO GARCIA
Diretor geral da GesConsult

1. À medida que o conhecimento do público sobre o tema vai aumentando, também os players da fileira da construção e do Imobiliário vão sendo pressionados, pela positiva, para apresentarem respostas - a GesConsult não é exceção. E por acreditarmos que a sustentabilidade é o caminho, esperamos até ao final deste ano ter um departamento interno 100% vocacionado para o tema, sendo a eficiência energética uma das suas áreas de foco. Daquilo que nos é possível aferir no dia-a-dia da atividade e do contacto com os clientes dos projetos, já existe uma perceção bastante clara do facto de muitos recursos energéticos se poderem esgotar daqui a pouco tempo, o que leva as pessoas a questionar-se mais sobre como conseguir padrões de consumo conscientes. Não é por acaso que, em empreendimentos mais recentes, a sustentabilidade tenha passado a ser vendida como um valor acrescentado, sendo que existem clientes dispostos a pagar mais para viver em espaços com essas preocupações e características. Para a grande maioria, contudo, os fatores custo de implementação e rentabilidade ainda têm a palavra final em muitas decisões, o que adia a generalização desejada das opções que já temos à disposição. Um aspeto que me parece muito relevante neste âmbito diz respeito à formação técnica das equipas para o universo abrangente de respostas que podem ser contempladas, tanto em projetos novos como em edificado existente. Do sistema de caixilharias aos sistemas de aproveitamento de energia, passando pelas opções de isolamento térmico e pelos equipamentos eficientes de ar-condicionado, tudo conta para manter o nível de conforto e evitar desperdícios. E como, nesta área, a evolução acontece rapidamente, é muito importante que os profissionais tenham um conhecimento atualizado, para guiarem os clientes neste tipo de decisões, uma vez que vão colher resultados delas num período alargado da sua vida. A um nível mais macro, se pensarmos que 40% do consumo energético da Europa decorre da utilização de edifícios e que, até 2050, devemos ter um edificado de nível carbono zero, percebemos rapidamente que há muito trabalho a ser feito e que todos os esforços são bemvindos para garantirmos o cumprimento das metas a que nos propusémos.

DUARTE CARDOSO FERREIRA
Strategic Advisory Director da CBRE Portugal

1. Felizmente, para todos, não só o tema da eficiência energética, mas todo o tema da sustentabilidade está no centro das preocupações dos consumidores. Na última década, o consumidor final no setor imobiliário ganhou um peso nunca antes visto na conceção do produto. Ou seja, se o consumidor procura, o mercado tende a oferecer. A eficiência energética é provavelmente a fatia mais fácil de endereçar da componente ambiental – que é apenas uma das três componentes fundamentais da sustentabilidade: a Ambiental (E), a Social (S) e a de Governação (G) – dada a evolução tecnológica e a respetiva democratização de soluções, cada vez a preços mais acessíveis. E é verdade que é também uma das fatias que tem suscitado maior interesse por parte do consumidor final, por várias razões que podem ir desde a sensibilidade ao preço da energia até à consciência de que a energia não é inesgotável – pelo menos ainda. A maior parte dos ativos sob gestão da CBRE têm implementadas medidas que

Como aliar a descarbonização com a competitividade

Eduardo Costa
CEO da SCIVEN

O que fazer quando há processos intensivamente consumidores de energia e nos quais, gastar menos, significa baixar padrões de qualidade?
Eduardo Costa, CEO da SCIVEN, empresa tecnológica nascida na Universidade de Coimbra e baseada na mesma cidade afirma que "para além da eficiência, é necessário garantir que a energia que efectivamente é necessária em qualquer processo é obtida de forma sustentável", sublinhando que "a sustentabilidade deve ser não só ambiental e social mas também económica, isto é, que promova poupança face às soluções convencionais, pois só assim é que novas soluções tecnológicas têm capacidade de ser disseminadas e, assim, criar um verdadeiro impacto".
É sob esta perspectiva que a SCIVEN oferece aos seus clientes soluções para produção e gestão de energia térmica e eléctrica que para além de promoverem a descarbonização dos seus processos, promovem também poupanças muito significativas, dando-lhes competitividade.
Tipicamente, as soluções da SCIVEN induzem poupanças que podem alcançar os 70% nos custos relacionados com energia térmica e os 30% nos custos com electricidade.
"Oferecemos soluções completas aos nossos clientes, de acordo com as suas especificidades, para garantir que a energia que os seus processos necessitam é produzida com a maior eficiência e ao menor custo possível, apoiando-os na sua competitividade", afirma Eduardo Costa.
A SCIVEN incorpora tecnologia própria nas soluções que oferece. A sua tecnologia de cogeração é a materialização mais significativa, à data, desta estratégia.
Esta tecnologia permite produzir calor (por exemplo, água quente) e electricidade, simultaneamente, a partir de uma única fonte de energia, o que resulta numa eficiência comprovadamente superior face às soluções correntes de produção desagregada de calor e electricidade.
A cogeração é um conceito maduro em aplicações em grande escala. O que a SCIVEN fez, foi desenvolver uma solução tecnológica que se demonstrou eficaz em processos de mais pequena escala e de baixa temperatura, encontrando novas aplicações no sector dos serviços, da indústria, agropecuária, entre outros.
"A tecnologia de cogeração da SCIVEN resulta de uma cooperação com a Universidade de Coimbra, que resultou numa família de equipamentos de cogeração de pequena escala e de baixa temperatura, que encontram aplicações em diversos sectores de mercado", refere Eduardo Costa.
Por exemplo na indústria hoteleira, onde a produção de água quente é permanente, a tecnologia da SCIVEN permite que sempre que seja necessária água quente, se produza simultaneamente electricidade. Essa electricidade é enquadrada no regime de auto-consumo, podendo ser consumida instantaneamente ou armazenada para ser consumida mais tarde, em períodos em que as tarifas da rede sejam mais elevadas. O equipamento de cogeração da SCIVEN, neste contexto, é acoplado às caldeiras que os seus clientes já têm, sendo que se for associado a caldeiras a biomassa (equipamento que a SCIVEN também desenvolve), o impacto económico e ambiental é significativamente maior.
Na indústria, a abordagem da SCIVEN é a recuperação de energia desperdiçada, promovendo a descarbonização e a competitividade de processos. "Encontramos oportunidades de conversão de calor intrinsecamente desperdiçado por processos industriais, convertendo essa energia térmica em electricidade, isto é, o desperdício pode ser uma fonte de receita", sublinha o CEO da SCIVEN.
Eduardo Costa refere ainda a importância da capacitação da empresa: "somos uma empresa de engenharia com capacidade de entregar e operar soluções de geração de energia chave-na-mão com forte incorporação de know-how próprio, o que é vital para oferecermos soluções competitivas, com períodos de retorno de investimento muito baixos e acompanhar devidamente os nossos clientes".

www.sciven.com

com o apoio sciven

permitem que o consumo energético seja otimizado com poupanças muito significativas, quer para os proprietários, quer para os ocupantes desses edifícios. Mas, de facto, o importante é integrar estas preocupações numa visão mais holística e menos setorizada. As organizações – todas, mas as multinacionais por maioria de razão – têm a obrigação de cuidar do ecossistema em que operam no sentido de o manter saudável e em condições de prosperar. Na CBRE, tomámos várias decisões críticas nesse sentido. Em Portugal, temos uma equipa totalmente dedicada à sustentabilidade desde 2018, e fomos provavelmente a primeira consultora imobiliária a colocar esforço nessa vertente do negócio. Fizemo-lo em duas linhas estratégicas: 1) o posicionamento da organização relativamente às competências internas para fazer face às necessidades dos clientes; 2) o posicionamento interno como stakeholder responsável no sentido de ser exemplo na indústria relativamente à pegada de carbono. Neste sentido, relativamente à primeira linha, uma das cções importantes consistiu na reorganização da equipa de sustentabilidade, em janeiro de 2021, que passou a estar integrada no departamento de Consultoria Estratégica, precisamente para se tornar mais transversal ao negócio da CBRE e poder responder ao nossos clientes numa cadeia de valor muito mais ampla. Tomámos também a decisão de ter um conjunto muito alargado de responsáveis de área de negócio com um conhecimento mais profundo da temática da sustentabilidade – mais de 10 pessoas na CBRE Portugal concluíram um curso de Sustentabilidade no Imobiliário na Universidade de Cambridge. Relativamente ao posicionamento interno, adotámos uma abordagem de stewardship relativamente a toda a sustentabilidade, o que implica não nos focarmos apenas em reduzir os malefícios da nossa atividade, mas sim garantir que esta acrescenta um valor positivo no ecossistema. Para isso, tem sido fundamental combater os silos organizacionais e as perspetivas isoladas de cada departamento. Esse trabalho de unificação tem sido fundamental para o posicionamento que temos hoje, possibilitando que a CBRE seja, cada vez mais, um exemplo no setor e com isso também polo para o melhor talento do imobiliário. A CBRE anunciou, em setembro de 2021, o seu compromisso em atingir a neutralidade carbónica em 2040, antecipando assim em 10 anos o mesmo objetivo da União Europeia.

PEDRO LENCASTRE
Diretor geral
da JLL Portugal

1. A sustentabilidade é uma das preocupações centrais da JLL e que teve, recentemente, a possibilidade de implementar algumas medidas no seu novo escritório, em Lisboa. Desde logo nos materiais e equipamentos, com uso privilegiado de matérias recicláveis, a reutilização de grande parte do mobiliário e equipamentos ou uma iluminação 100% led. A aposta na sustentabilidade é também visível na forte presença de conceitos de biofilia, plantas por todo o escritório, destacando-se as plantas liofilizadas suspensas dos tetos. Também a ocupação do espaço foi desenhada para reduzir ao máximo a pegada ambiental. Sem nunca descuidar a qualidade da arquitetura nem a boa vivência das pessoas, o escritório foi desenhado para ter uma ocupação otimizada, respondendo a picos de utilização, sem desperdício de área. Prova desta eficiência é a "dupla" função do espaço de trabalho, ao ser também como um showroom da Tétris, permitindo aos nossos clientes perceberem como deve ser o futuro dos seus escritórios. Nos consumos, o cuidado foi redobrado, com os sistemas de água, energia e papel a serem também otimizados. Com uma forte aposta na luz natural e em sistemas de maior eficiência energética, será possível obter poupanças anuais de energia na ordem de 15%. No consumo da água, os novos sistemas das casas de banho vão permitir poupar mais de 200.000 litros de água potável por ano, comparando com os anteriores consumos do escritório, uma poupança de cerca de 40%. Para termos uma ideia, esta poupança de água equivale a 40.000 garrafões de 5 litros ou água para saciar a sede a 274 pessoas durante um ano, prevendo um consumo diário por pessoa de 2 litros. Com medidas como esta, queremos não só contribuir para a preservação do ambiente enquanto empresa, como também motivar os nossos colaboradores a serem mais sustentáveis e serem eles próprios um agente de mudança. Este foco no bem-estar das pessoas é central para a JLL, casando com o nosso programa de sustentabilidade. Em termos práticos, isso tem que acontecer nas grandes opções que fazemos para a estruturação e organização do escritório, mas passa também por pequenas ações no dia-a-dia. Nesse sentido, a JLL implementou alguns lugares de estacionamento para bicicletas no edifício, além de estar a construir espaços para pequenas hortas na zona do terraço. O convite à ação dos colaboradores, com pequenas sugestões em todo o edifício, está também na nossa agenda, que teve ainda a preocupação de disponibilizar uma vending machine com alimentação saudável. Por fim, não só envolvemos os nossos colaboradores, como tentamos transmitir a importância da real ação para a sustentabilidade, aos nossos clientes e parceiros.

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO
Commercial Manager
da Energest

1. Desde a fundação da Energest que nos norteamos pela utilização racional dos recursos. Entendemos que é essa a função dos Engenheiros: desenvolver soluções funcionais com o mínimo de meios. Tendo sempre presente esta premissa temos apresentado junto da indústria, nos diversos sectores de actividade - que se caracterizam pelo consumo intensivo de energia – variadas soluções de melhoria da eficiência energética. Particularmente na última década, temos vindo a realizar vários projectos de recuperação e transformação de energia, que coincidiram com a maior sensibilidade das indústrias para a necessidade de reduzirem o peso desta componente nos seus produtos finais. Desta forma, contribuem, simultaneamente, para a redução da emissão dos gases de efeito estufa, cuja meta no âmbito do Plano Nacional de Energia e Clima (PNEC 2030) foi estabelecida numa redução de 35% por via da melhoria da eficiência energética. Desde o início da Guerra na Ucrânia, e com o consequente aumento do custo da energia, este tema tem sido enfatizado por nós, mas também pelos nossos clientes. O impacto negativo da escalada dos preços da energia tem levado as empresas a procurarem todas as formas de minimizar esse mesmo impacto. Em resposta a estas necessidades temos proposto as mais variadas soluções tecnológicas que passam por centrais térmicas e termoeléctricas a biomassa, centrais térmicas a gás natural com incorporação de hidrogénio, sistemas fotovoltaicos, solar térmico, entre outros. Uma nota final, não menos importante é a necessidade do Plano de Recuperação e Resiliência - PRR poder acolher as mais diversas formas de melhoria da eficiência energética no setor industrial, não deixando de fora projectos de elevado mérito técnico e económico, apenas por não se enquadrarem nas medidas mais canónicas.

MARCO COSTA
CEO
da Grupel

1. Na Grupel estamos sempre atentos ao futuro, tanto do nosso negócio, como do planeta e das novas gerações. Por isso, a nossa equipa técnica dedica-se a desenvolver e a encontrar soluções energéticas cada vez mais alinhadas com um futuro mais sustentável, adaptadas às necessidades dos nossos clientes de todo o mundo e às exigências do mercado de geradores elétricos, que está em constante mudança. Trabalhamos diariamente na conceção, produção e distribuição da melhor energia, através de grupos eletrogéneosstandard, até 3500kVA (e de potências mais elevadas nos projetos especiais), versáteis e com níveis otimizados de performance, que cumpram os requisitos e regulamentos dos diversos mercados, no que diz respeito, também, a emissões poluentes. É por isso que temos vindo a desenvolver soluções que permitam reduzir a taxa de emissões, através da utilização de fontes combustíveis alternativas, como o gás, da conceção de sistemas de cogeração (onde se aproveita a energia térmica), e da integração de componentes mais eficientes, como os motores Stage V, em resposta à diretiva comunitária que restringe os limites das emissões de partículas em aproximadamente 40% face à regulamentação anterior. O recurso a qualquer uma destas soluções transforma, de dia para dia, a produção de energia elétrica, tornando-a mais eficiente. Além disso, são opções que podem servir uma multiplicidade de aplicações com elevada fiabilidade, desde a indústria, às infraestruturas, às centrais elétricas e aos centros de dados. Desta forma, queremos contribuir para um futuro mais sustentável, através de soluções tecnologicamente avançadas, que permitam reduzir a nossa pegada ecológica, ao mesmo tempo que levamos energia a todo o mundo.

BEATRIZ GARCÍA
Energy Efficiency Project Manager
da Axpo Iberia

1. Diariamente as empresas contabilizam desperdício no seu consumo energético, resultante da ineficiência dos equipamentos ou do comportamento inadequado dos recursos humanos. A eficiência energética é uma otimização do consumo de energia, que se expressa na adoção de medidas que permitam uma utilização racional da energia. Contudo, um dos principais entraves a esta transição energética é a capacidade de financiamento das empresas. Conscientes desta dificuldade, a Axpo financia os projetos de eficiência energética dos seus clientes a 100% através de múltiplas modalidades de pagamento, para que estes não se tenham que descapitalizar para conseguirem concretizar a transformação do seu negócio. Esta medida engloba várias soluções de eficiência energética, como sistemas de autoconsumo fotovoltaico, iluminação LED, compensação de energia reativa, entre outras. A Axpo garante assim o financiamento a 100% de todo o projeto, permitindo que os clientes empresariais reduzam os custos energéticos, sem perderem a liquidez necessária ao funcionamento da sua atividade e reduzindo ao máximo o impacto financeiro da implementação da solução de eficiência energética.

BRUNO MARTINS
Diretor Comercial
do Belas Clube de Campo

A eficiência energética é incontornável nos dias de hoje e a sustentabilidade, a palavra de ordem. Fazem parte do ADN do Belas Clube de Campo e estão refletidos em todas as atividades que desenvolvemos, desde o planeamento, construção, até à fase de manutenção do empreendimento. Características como a qualidade da arquitetura, orientação solar, conceção dos espaços, dimensão das janelas, ventilação natural a escolha dos materiais e as diversas soluções implementadas, são fatores considerados de forma a assegurar casas mais eficientes e sustentáveis. Desde os apartamentos, às townhouses e até aos projetos que nascem nos lotes do Belas Clube de Campo, todos são avaliados cuidadosamente para assegurar que as melhores condições são garantidas. Reflexo disto são as nossas townhouses, que foram consideradas à data as casas mais sustentáveis de Portugal pelo Sistema Lidera. Entre muitos fatores, foram as primeiras casas em Portugal a atingir valores de certificação Nearly Zero Energy Building e inserem-se numa classe de excecional desempenho, A++. O Belas Clube de Campo é hoje um espaço único a nível da qualidade da construção e qualidade de vida, que concilia como poucos a natureza, a sustentabilidade, o conforto, modernidade e localização privilegiada a quinze minutos do centro de Lisboa.

EDUARDO BIANCHI DE AGUIAR
Diretor de Operações
da Schindler Portugal

A eficiência energética é cada vez mais uma preocupação e uma prioridade para a Schindler, sendo importante estabelecer um compromisso que intensifique o nosso trabalho para a ação climática, com objetivos de redução de emissões com efeitos negativos às alterações climáticas e que criem sustentabilidade nos negócios, na economia e nos Clientes. Por isso, sem dúvida a sustentabilidade é uma parte integrante da forma como a Schindler faz negócios, define como trabalhamos e cria valor para todos. Por outro lado, este é o momento de aceitar o papel crucial que empresas como a nossa têm de ter no cuidado com o meio ambiente, adotando nesse sentido medidas decisivas. Queremos acelerar a transição para um futuro com baixas emissões de carbono é por isso que estamos a assumir compromissos ambiciosos, como o recente anúncio de redução de 50% das emissões de gases com efeito de estufa até 2030 e a longo prazo, a Schindler está empenhada em alcançar zero emissões de gases de efeito estufa até 2040. Neste sentido, para a Schindler a sustentabilidade significa duas coisas distintas: a ação climática como uma prioridade, trabalhando por isso na redução da pegada de carbono nas operações, mas também ajudar os Clientes a serem cada vez mais sustentáveis, através de produtos eficientes e soluções inovadoras. E, com esse propósito, a Schindler alia-se a fornecedores estratégicos que melhoram o seu desempenho sustentável, com o objetivo de continuar a incorporar a sustentabilidade nos negócios.